

Lourenço Mutarelli

O FILHO MAIS VELHO DE DEUS
E/OU
LIVRO IV

AMORES EXPRESSOS



Copyright © 2018 by Lourenço Mutarelli

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A coleção Amores Expressos foi idealizada por RT/Features

Projeto gráfico

Kiko Farkas / Máquina Estúdio

Imagem de capa

Gabriela Gennari

Foto da p. 330

Marcos Vilas Boas

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Thaís Totino Richter

Clara Diament

Os personagens e as situações desta obra são reais
apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos
concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mutarelli, Lourenço

O filho mais velho de Deus e/ou Livro IV /

Lourenço Mutarelli. — 1. ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3084-9

1. Ficção brasileira. I. Título

18-14647

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Esta obra foi composta pela Máquina Estúdio

em Janson Text e Aaux e impressa

pela Geográfica em ofsete sobre papel Pôlen Soft

da Suzano Papel e Celulose para a

Editora Schwarcz em maio de 2018

A marca FSC® é a garantia de que
a madeira utilizada na fabricação
do papel deste livro provém de
florestas que foram gerenciadas
de maneira ambientalmente
correta, socialmente justa e
economicamente viável, além de
outras fontes de origem controlada.

Este livro é dedicado a Antonio Prata e Kurt Vonnegut.

E ao Google, Google Maps, Google Tradutor,
à Wikipedia e à Murderpedia.

Vida longa e www

Eu sou aquela serpente que você ouviu falar

Na voz de Marcelo Pretto
"Justino Grande", coco cantado por Chico Antônio
Das notas de Mário de Andrade, 1929

Sumário

LIVRO I A MAÇÃZONA

1. De cada dez e/ou Na manteiga, 12
2. Três e/ou Répteis, 26
3. A voz medonha e/ou Medicina, 39
4. Em inúmeras mentes e/ou Nostalgia, 58
5. Com a cabeça coberta e/ou Lírios-de-um-dia, 77
6. A cadela no cio e/ou Tetas compridas, 99
7. Os olhos se abrem e/ou Abanando o rabo, 112
8. Uma nota arbitrária e/ou O Diabo entra em cena, 132

LIVRO II O GANCHO VERMELHO

9. A inveja dos deuses e/ou Aquela que viu a profundidade, 154
10. Osíris e/ou Eu sou tão pequenino, 191
11. O esquecimento será lembrado e/ou Nasce o Senhor de toda a Terra, 206
12. As águas da amargura e/ou A lei, 226
13. Malditos eles e/ou Vênus, Astarot e Asmodeus, 243

LIVRO III E/OU QUA'KA NAAT

14. Brazil e/ou A tua consciência é o teu obstáculo, 274
15. Agora, Lúcifer caminha sobre a Babilônia e/ou O jogo mais perverso, 288
16. Tristeza e/ou Aquilo que te assombra, 308
17. O cajado não guia o rebanho e/ou O palácio, 317
18. Satan, Deliptorae, Thot e Leviathan e/ou O Sol, 321
19. A grande Deusa e/ou Uma breve nota, 326

1

De cada dez

e/ou

Na manteiga

Quinta-feira, 23 de agosto de 2007

Ele aterrissou no JFK, depois de um voo de duas horas e seis minutos, como Albert Arthur Jones. Não foi um pouso tranquilo. O piloto quase arremeteu a aeronave por causa de um vento instável que soprava do sudeste.

Mas Ele não era Albert Arthur Jones.

Na verdade houve outro Albert Arthur Jones, que foi sentenciado à prisão perpétua em 1961 em Heston, Inglaterra, mas Ele não sabe disso.

Mesmo assim os documentos com o nome desse cara que matou uma menina de doze anos em 20 de outubro de 1960 estampam a sua foto.

Se alguém tivesse acesso à agenda que Ele traz na bagagem de mão, veria que várias páginas foram arrancadas. Já faz mais de um ano que vem arrancando páginas de sua agenda.

Além da agenda, Ele carrega cinco mil dólares em espécie, fora os trinta mil que arriscou despachar, sem declarar, numa das malas.

São duzentas notas de cem e duzentas de cinquenta.

Ele, provisoriamente Albert Arthur Jones, não gosta de voar.

Desembarca com tanto pesar e desconforto que algumas pessoas, ao olharem para Ele, riem achando que está fazendo graça. Mas não é só pelo desconforto que Ele faz careta. Isso tem a ver com o fato dele usar esse nome falso e com as várias páginas arrancadas de sua agenda e com a manteiga e com o estrangulamento do baixo-ventre.

E, talvez, principalmente com o fato de seu cérebro estar frio.

Albert apanha o resto de suas coisas na esteira e com dificuldade empilha tudo no carrinho de bagagem.

Quando Ele desponta no saguão, um gorducho zarolho

com bigode mal aparado se aproxima e lhe estende a mão. O gorducho o cumprimenta com os olhos tortos baixos e se oferece para carregar a mala. Albert resiste.

O gorducho insiste e Albert acaba deixando que ele leve. Pedaço de bolo.

O gorducho guarda um pacote de Doritos no bolso da jaqueta, apesar do calor o gorducho veste jaqueta, e apanha a pesada mala sem rodinhas. Albert não se importa com todo o dinheiro ali dentro. No fundo, ultimamente Ele não se importa com nada.

Albert segue com a bagagem de mão e uma mala de porte médio com rodinhas e um livro do Kurt Vonnegut. *Galápagos*.

Foi justamente no voo que Ele chegou à parte em que *Siegfried grita: “Eu tenho a doença do papai...”.

Não posso negar que isso acentuou sua careta, porque Albert chorou e riu ao mesmo tempo ao ler esse trecho.

Porque Vonnegut é assim.

Nos faz rir quando a coisa aperta.

Então Ele repete mentalmente: Albert Arthur Jones, Albert Arthur Jones, Albert Arthur Jones.

Ele também tem a doença do pai.

O gorducho parece ter dormido vestido, pois toda a sua roupa está extremamente amassada. Spok também não gostava de passar roupa.

Isso passa rapidamente pela cabeça de Albert.

O gorducho anda de um jeito engracado, balançando os ombros excessivamente de um lado para outro. Mesmo sem o peso da mala o gorducho se movia assim. Como reflexo desse movimento, a cabeça do gorducho dança tal qual a de um camaleão quando vai apanhar uma mosca. Um camaleão de bigodes mal aparados. E Albert Arthur Jones faz aquela careta. Os camaleões chiam.

Todos que olham para eles riem.

Parecem figuras saídas de um filme preto e branco.

Até o ritmo deles destoa daquele da multidão.
E o cérebro de Albert está frio.

Dizem que, enquanto o assassino Albert Arthur Jones executava a pobre garotinha, o ar que escapou do pulmãozinho dela a fez grasar feito um abutre.

Com tremendo esforço o gorducho põe as coisas no porta-malas.

Ao dar a partida no carro, o gorducho novamente estende a mão para Albert.

— É bom ter você aqui com a gente. Eu sou Bennett. E agora você está seguro.

Bennett, Bennett Clark Hyde, segundo seus documentos.

O gorducho desconhece ser homônimo de um assassino condenado à prisão perpétua em 16 de maio de 1910 por matar a família da esposa.

Ele sorri para Albert e pergunta:

— Como foi a viagem?

Albert diz que foi tudo bem.

Estava cansado. Não queria dar detalhes de toda a turbulência, nem falar que não gosta de voar. De qualquer forma sempre achou estranha essa pergunta.

Quando Ele não era Albert, quando vivia sua vida real, costumava viajar e, sempre ao chegar a um aeroporto, quem o recepcionava perguntava isso. Para Ele toda viagem era igual. Embora essa fosse diferente.

Mesmo assim, para Ele, a pergunta não fazia sentido.

Havia em sua mente algo que diferenciava viagem de deslocamento.

O voo era apenas isso. Deslocamento.

Essa pergunta só faria sentido quando o viajante voltasse para casa.

Ele parecia não entender que aquilo era pro forma.

Albert reclama do clima. Diz que fazia muito tempo que não vinha a Nova York e que não se lembrava de um dia tão

quente como aquele. Albert não está se referindo a um calor daqueles em Nova York.

Fala de toda a vida. Nunca viveu um dia tão quente.

Ele só esteve em Nova York quando era garoto, com os pais. Nas férias. Passaram uns dias visitando cartões-postais. Subiram no Empire State. Foram à Estátua da Liberdade, ao Central Park, à Times Square, seu pai até orou na St. Patrick's.

Seu pai registrou todo o passeio em três filmes de trinta e seis poses cada. Embora as fotos ainda existam, estão perdidas em alguma caixa. Se as olhássemos hoje, pareceria que o pai aplicou algum filtro do Instagram nas imagens.

O pai de nosso, agora, Albert foi Henry Newton Brown. E Henry era homônimo de um pistoleiro do bando de Billy the Kid. Esse Henry, pistoleiro, matou seis homens. A última vítima do pistoleiro foi o presidente do banco Medicine Valley, no Kansas.

Ah, Medicine, Medicine.

Mas Henry, o assassino, foi capturado e, escapando de uma tentativa de linchamento, acabou levando um tiro de uma espingarda de cano duplo que quase o cortou ao meio. Henry nasceu em Rolla, Missouri; só para constar.

Voltemos à viagem de Albert com os pais a Nova York. Foi curiosamente no Metropolitan que Ele teve seu primeiro contato com a noção de morte.

Foi uma experiência perturbadora.

Ele estava com dez anos, e aquelas coisas do Egito e de antigas civilizações lhe causaram uma epifania. Ele entendeu sua mortalidade olhando aquelas relíquias. Foi a mesma sensação que teve ao folhear um livro de medicina legal dois anos depois da visita ao museu. Para o garoto, aquelas esculturas, múmias, sarcófagos e artefatos eram como cadáveres. E toda a arte em si passou a lhe trazer esse sentimento.

Para Ele a arte é prima da morte.

Isso o distanciou de qualquer forma de arte em geral.

O único contato que tem com a arte são os filmes que assiste na TV a cabo e Vonnegut. Mas, para Ele, Vonnegut não é literatura, é um amigo.

Um amigo que o faz rir e chorar ao mesmo tempo.

De qualquer forma Albert jamais gostou de Nova York.

Albert Arthur Jones, Albert Arthur Jones, Albert Arthur Jones.

— Você não viu nada. Agora nós já estamos quase no outono, você tinha que ver como foi o verão — continua Bennett, o camaleão de bigodes mal aparados.

Albert demora a entender o que o gorducho está falando.

Albert pensava em pelo menos três coisas ao mesmo tempo naquele instante. Pensava nas coisas que desfiguraram a sua cara.

Então Ele volta rapidamente, se orienta e engata no papo furado.

— Eu não suporto o calor — diz Albert.

— Pior é que oficialmente o outono começa em setembro, 22 de setembro. Mas, você sabe, consideramos o início do outono o Dia do Trabalho...

Pro forma.

Albert se chama Albert agora porque aceitou, sem nenhum motivo significante, proteger sua verdadeira identidade.

E Ele aproveitou essa chance que lhe foi dada. Albert não precisava de proteção. Albert só queria uma nova vida.

E mudar de nome podia ser um começo. Um bom começo. Mesmo assim há um aspecto de sua vida real que Ele não pode omitir. Um pequeno detalhe que o envaidece e por isso não consegue se calar quanto a sua origem. No caso, com Bennett Ele sabe que está seguro. Bennett é um deles. Mas, mesmo quando fala com estranhos, Ele menciona suas raízes. Mesmo tendo sido orientado a não dar nenhuma pista de sua

identidade real. Eles foram bem claros quando disseram: “Não vai dar com a língua nos dentes”.

Mas Ele não consegue deixar de mencionar que é de Minneapolis, Minnesota.

Tem muito orgulho disso.

Na verdade, quando o faz, está imitando um hábito de seu velho pai, sem que perceba. Afinal Ele tem a doença do papai.

— Esse calor é demais, porque eu venho da região dos Grandes Lagos, você sabe...

— E lá não é tão quente, né?

— Lá é de extremos, mas tem sempre uma brisa que torna o clima mais agradável.

— E de que região você é mesmo?

— Minneapolis, Minnesota.

— Lá faz frio pra valer.

— O estado mais frio da nossa América.

— Mas achava que o Alasca era mais frio. Em Prospect Creek parece que já fez mais de sessenta graus negativos.

— Frio é frio.

— É o que dizem... Eu sou de Hot Springs, Arkansas.

— Eu nasci em Minneapolis, Minnesota.

— Poxa vida.

— Sabe com quem eu estudei no ginásio em Minneapolis?

— Não. Com quem?

— Richard Dean Anderson.

— O nome não me é estranho...

— Você não pode dizer que não conhece Richard Dean Anderson.

— Não, não... De fato o nome não me é estranho. Só não consigo me lembrar direito quem é...

— MacGyver.

— Ah... Eu sabia que o nome não era estranho. Dê um canivete pra ele e vai ver o que é bom pra tosse.

— Pode apostar. E, além de ser um ator muito talentoso, ele é compositor.

— Bacana.

— Sabia que Hot Springs tem uma cidade irmã no Japão?

— Sério?

— É. Chama Hanamaki.

Nosso Albert herdou esse orgulho de ser amigo de celebridades. Seu pai, sempre que podia e mesmo quando não podia, dava um jeito de dizer que havia estudado economia com Kofi Annan.

E era verdade.

Isso aconteceu quando Annan ganhou uma bolsa da Fundação Ford, que lhe possibilitou completar seus estudos de graduação no Macalester College, em St. Paul, Minnesota.

Bennett explica que Albert ainda não tem um endereço fixo e que por isso passará uns dias, menos de uma semana, num hotel até que eles resolvam uns detalhes pendentes.

Albert diz que já foi informado e que, embora não goste de hotéis, está feliz em passar uns dias no Chelsea.

— É... na verdade não é no Chelsea, Chelsea...

— Como assim?

— Você vai ficar no Chelsea Savoy. É ao lado do Chelsea, só que não tem o mesmo glamour.

Nem o calor aquece o cérebro de Albert.

Bennett estaciona na 204 W na rua 23 quase esquina com a Sétima Avenida enquanto Ele mentalmente repetia: Albert Arthur Jones, Albert Arthur Jones, Albert Arthur Jones.

Bennett entrega um envelope pardo a Albert e diz que todas as informações estão ali. Incluindo sua nova identidade. Dá um cartão de visita e diz que aquele é seu telefone pessoal. Diz que Albert pode ligar a qualquer hora. Diz estar a sua disposição e que, quando Albert tiver se instalado, eles podiam tomar uns goles. Ele já havia sacado que o gorducho era uma esponja.

Bennett pega com esforço a bagagem de Albert no porta-malas e o acompanha até a recepção do Chelsea Savoy Hotel.

Depois dá um abraço desajeitado em Albert e sai balançando os ombros daquele jeito engraçado, sem olhar para trás.

Albert fica um tempo parado, de costas para a entrada do hotel, olhando aquela figura caminhar, entrar no carro e partir. Mesmo quando o carro desaparece de vista, Ele permanece imóvel. Distante. Alheio.

Como se os três pensamentos ou qualquer forma de pensar desaparecessem.

Como se Ele não fosse Ele ou Albert.

Como se perdesse qualquer identidade ou percepção de individualidade.

Por um instante Ele era a cidade.

Por um minuto seu rosto se tornou sereno.

Por um minuto todos os problemas desapareceram.

Por um minuto Ele foi Nova York.

||

Quando volta a si, faz o check-in. O recepcionista lhe entrega um cartão magnético dourado que é a chave do 1211, e Albert sobe para o quarto.

Ninguém lhe ajuda com a bagagem.

O quarto tem duas camas de solteiro, dois criados-mudos, uma bancada comprida, uma mesa com cadeiras e uma confortável poltrona. Albert põe as coisas na cama mais próxima da porta e senta-se na outra com o envelope nas mãos. Rasga-o e deixa o conteúdo escorregar sobre a colcha. Um pequeno celular, passaporte, seguro social, carteira de motorista e uma foto muito bem trucada no Photoshop contendo sua fictícia esposa.

Na verdade a primeira coisa que Ele vê na foto são os peitos enormes da mulher.

Albert agora é George Henry Lamson.

E lá estão eles, trucados, numa paisagem ensolarada e cheia de natureza.

George e sua esposa de mentira.

Eles não têm filhos.

É isso que dizem os papéis.

O que Ele não sabe é que George Henry Lamson era um médico viciado em morfina que assassinou o cunhado deficiente de dezoito anos em Wimbledon, Londres, em 1881.

Ao ser executado, o rapaz grassitou feito um pato.

|||

Richard Dean Anderson nasceu em Minneapolis, Minnesota, em 23 de janeiro de 1950. Ele, Albert Arthur Jones, agora George Henry Lamson, nasceu no dia 23 de maio de 1958. Ou seja, eles nunca poderiam ter estudado juntos no ginásio.

Realmente estudaram na Robbinsdale Armstrong High School 10635 36th Ave N, Plymouth, MN. Mas eles têm oito anos de diferença. Isso hoje não é muita coisa. George está com quarenta e nove anos, enquanto nosso MacGyver tem cinquenta e sete. Mas na época do ginásio isso era um abismo.

Provavelmente nunca se cruzaram na escola.

Além disso Ele sempre omite que nasceu em St. Paul. Embora tenha se mudado para Minneapolis quando tinha apenas um ano de idade.

De qualquer forma George adormeceu vestido na cama ao lado da janela no quarto 1211 no décimo segundo andar da rua 23. Depois de conferir o conteúdo do envelope, Ele se levantou e observou a vista do quarto.

Não abriu as cortinas.

Olhou por entre elas.

Mesmo não tendo motivos para se esconder.

Além da rua pôde ver, da pequena fresta, a Sétima Avenida. Ao avistar uma lanchonete de esquina, a Chelsea Papaya, percebeu que estava com fome. Quando leu em sua fachada “24h”, voltou para a cama e, segurando a foto em que aparecia ao lado da esposa peituda, adormeceu. Antes de perder totalmente a consciência, viu o Medicine Lake.

Esse lago era para Ele o melhor lugar do mundo.

Então George teve um sonho esquisito.

Sonhou que era algo que via.

Mas George nunca se lembra de seus sonhos.

Não era uma pessoa.

Mas algo que podia ver.

Talvez a melhor coisa que possa definir o que Ele ou Albert ou George era naquele momento seja uma câmera. Ele não era uma câmera e também não era uma pessoa. Era algo que via.

E flutuava.

Mesmo assim sua visão era como a visão de Peter. Peter Matthews Silva.

Peter era um amigo de sua vida real.

Peter agora está cego.

Ficou cego.

George, que no sonho nem era uma pessoa, tinha a visão de um cego.

Porque, quando Peter perdeu a visão, definiu assim para Ele. Peter tinha glaucoma. Já havia perdido a visão de um dos olhos no início da adolescência, e então aos quarenta anos ficou cego de vez.

George não se lembrou disso enquanto flutuava.

Mas, se fosse contar o sonho a alguém, usaria essa metáfora.